

Algumas Reflexões sobre as Implicações das Experiências Espirituais para a Relação Mente-Corpo

Alexander Moreira-Almeida

In: Franklin Santana Santos. (Org.). Cuidados Paliativos - Discutindo a vida, a morte o morrer. São Paulo: Atheneu, 2009, p. 283-300.

1. Introdução

Dada a complexidade e a natureza controversa dos dois tópicos que compõem o título deste capítulo, o objetivo deste texto é apresentar alguns argumentos gerais, fornecer materiais para reflexão sobre as implicações das experiências espirituais (EE) para a relação mente-corpo (RMC). De início, é enfatizado que apenas será apresentado algum material para reflexão, sem ter condições, devido às limitações de espaço, de fazer uma análise mais detalhada. Para os interessados numa leitura mais aprofundada, serão fornecidas ao longo do texto algumas referências básicas que permitem acesso a estudos e argumentações mais elaboradas e detalhadas.

As tradições espirituais e religiosas habitualmente trabalham com um esquema de RMC bastante diferente daquele habitualmente aceito no ambiente acadêmico. No meio científico, frequentemente se trabalha com alguma forma de monismo materialista, no qual a consciência e a personalidade humana são tidas como produtos do funcionamento cerebral em sua interação com o ambiente. Nessa formulação, a consciência ou a personalidade, por serem consideradas produtos da atividade cerebral, desapareceriam com a morte e a consequente destruição do cérebro. Então, não haveria mais vestígios de funcionamento de uma dada personalidade após a destruição de seu corpo físico (KELLY *et al.*, 2007). Por outro lado, grande parte, provavelmente a maioria, das tradições religiosas e espirituais trabalha com a ideia de uma parte imaterial do ser humano que habitualmente sobrevive à morte do corpo. Essa parte imortal do ser humano, que persiste, é normalmente parte central das tradições e do conceito de espiritualidade comumente aceito pelas pessoas (HUFFORD, s/d). A questão da morte e da sobrevivência da personalidade após a morte tem sido tema central de grande parte das tradições

religiosas e espirituais nas diversas sociedades ao longo da história. Tais tradições são habitualmente ricas em experiências tidas como contatos com seres espirituais, desde divindades e entidades da natureza até almas de pessoas já falecidas. De fato, grande parte das religiões organizadas emerge a partir desse tipo de EE.

Dessa forma, é comum entre as tradições religiosas um conceito de RMC diferente daquele habitual nos meios acadêmicos contemporâneos. Essa outra visão provavelmente emerge das EE que muitas vezes sugerem certa independência e mesmo sobrevivência da mente em relação ao corpo. O presente capítulo tem como objetivo propor algumas reflexões sobre a potencial utilidade do estudo dessas EE para o avanço das investigações que visem a uma melhor compreensão da RMC.

2. Prevalência de Crenças Espirituais na População Mundial

As experiências e tradições religiosas provavelmente têm um importante papel na alta prevalência das crenças de que temos uma alma e de que há vida após a morte. Essas crenças são aceitas pela maioria absoluta da população mundial (www.worldvaluessurvey.org), mesmo na Europa, o mais secularizado dos continentes (www.europeanvalues.nl).

Em relação ao Brasil, encontra-se também uma elevada prevalência de crenças de natureza espiritual. (Tabela 1.1.) De fato, apenas 1% dos brasileiros não acredita que Deus exista. Mesmo a ideia da reencarnação, é admitida, pelo menos como possibilidade, pela maioria da população brasileira.

Tabela 1.1. Crenças religiosas na população brasileira

	Acredita totalmente	Tem dúvidas	Não acredita
Que Deus existe	97	2	1
Que existe vida após a morte	60	18	21
Que o Espírito Santo existe	92	5	3
Em reencarnação	37	18	44

Fonte: Datafolha (2007)

n = 5.700.

É interessante notar a marcante predominância de crenças espirituais na população mundial atual, apesar das previsões feitas por diversos cientistas no final do século 19 e início do século 20 de que tais crenças tendiam a desaparecer ao

longo do século 20. A falha dessas previsões, um equívoco dessa magnitude, é um tema que ainda está por ser mais bem estudado e compreendido (HUFFORD, s/d).

Por outro lado, naturalmente, a persistência da predominância de crenças espiritualistas na população mundial não implica na validade ontológica dessas crenças, ou seja, não significa que sejam verdadeiras objetivamente. No entanto, nos lembra da necessidade de, como clínicos, levarmos em conta tais crenças quando lidamos com nossos pacientes (PERES *et al.*, 2007). Enquanto pesquisadores, podemos e devemos investigar as implicações de tais crenças, bem como as experiências que têm levado a maioria da população do planeta à crença de uma dimensão extra-corporal do ser humano e sua sobrevivência após a morte.

3. Relevância das EE para a RMC

As relações entre espiritualidade e saúde têm sido um crescente foco de pesquisas no Brasil e no exterior. Entretanto, tais pesquisas têm focado mais os aspectos sociológicos, epidemiológicos ou de crenças religiosas. Em termos gerais, um maior nível de envolvimento religioso tem se mostrado associado a melhores indicadores de saúde física e mental (MOREIRA-ALMEIDA, 2006; GUIMARÃES; AVEZUM, 2007). Infelizmente, há pouco interesse por investigações sobre as EE em si, sua natureza, origem e implicações para a RMC (HUFFORD, s/d; MOREIRA-ALMEIDA, 2007B).

No entanto, nem sempre houve essa desatenção em relação às EE e suas implicações para a RMC. Na origem das modernas psicologia e psiquiatria houve intenso interesse e um volumoso número de pesquisas nesse tema desafiador. Pierre Janet, William James, Frederic Myers, Charles Richet, Cesare Lombroso e Carl G. Jung são exemplos de pesquisadores que trabalharam seriamente e com profundidade as EE e suas implicações para a questão da RMC. Tais estudos deram origem à boa parte das teorias e conceitos que temos hoje em dia sobre mente subconsciente e dissociação (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2004; ALVARADO, 2003; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2007). Mais recentemente, o psicólogo Hans Eysenck (EYSENCK; SARGENT, 1993) e o psiquiatra Ian Stevenson (1977A; B) publicaram revisões curtas, mas abrangentes, sobre as implicações das EE para a RMC, notadamente a hipótese da sobrevivência da personalidade após a morte.

Na transição entre os séculos 19 e 20, enquanto muitos autores defendiam a hipótese de que o cérebro “produz” a mente, outros, como William James e Frederic

Myers argumentavam que o cérebro mais provavelmente atuava como um “filtro” para a manifestação da mente (KELLY *et al.*, 2007). Ao longo do século 20, a hipótese monista-materialista, da mente como “produto” do cérebro, se tornou claramente predominante no meio acadêmico. Tal teoria se tornou de tal forma influente que é muitas vezes considerada como fato comprovado, que seria questionada apenas por pessoas desprovidas de adequada bagagem científica. Tal atitude ignora as limitações e dificuldades de investigação na área e que foram muito bem identificadas há séculos pelo filósofo John Locke (CHIBENI, 2007).

A abordagem simplificadora, comum na atualidade, ignora que a ideia de que o cérebro “produz” a mente é uma hipótese. Como Popper e Eccles (1977) afirmaram, trata-se de um “materialismo promissório”, ou seja, é uma aposta de que essa hipótese monista materialista vai ser capaz, em algum momento no futuro, de explicar adequadamente o funcionamento mental e sua relação com o corpo. Promessa que ainda não se cumpriu. Essa é, sem dúvida, uma importante hipótese que deve ser seriamente investigada. Entretanto, quando uma hipótese de trabalho é elevada à condição de verdade, tem a desvantagem de inibir a formulação ou a investigação de hipóteses alternativas que talvez até tenham maior potencial de fazer avançar a área em estudo (CHIBENI; MOREIRA-ALMEIDA, 2007).

No caso específico supracitado, a aceitação prematura da hipótese monista materialista parece estar associada a distorções das hipóteses alternativas sobre a RMC, bem como a limitações nos desenhos metodológicos dos estudos em neurociência. A título de ilustração, a seguir, serão citados brevemente três exemplos desses problemas.

- René Descartes, por exemplo, teve seu “dualismo cartesiano” distorcido e revertido injustamente na causa de grande parte dos males que afligem a medicina e a psicologia. É raro lermos um texto que trate da RMC ou da necessidade de uma abordagem holística em saúde que não comece acusando os males causados pelo “dualismo cartesiano”. Habitualmente se diz que Descartes separou radicalmente a mente do corpo, impedindo qualquer tipo de influência da mente sobre o corpo e vice-versa. Tais afirmativas revelam um grande desconhecimento do trabalho e do pensamento cartesiano. Descartes propunha um dualismo interacionista, sendo que uma de suas principais preocupações era justamente tentar explicar as relações e influências mente-corpo (BROWN, 1989; DUNCAN, 2000; KIRKEBÙEN, 2001).

Ainda na área da história, o caso de Phineas Gage é largamente descrito e citado como caso paradigmático que ilustra o quanto a personalidade tem origem no cérebro. Estudos recentes têm indicado as graves inconsistências nas descrições e extrapolações sem embasamento feitas com o ocorrido com Phineas Gage (MACMILLAN, 2000).

Do ponto de vista metodológico, Kelly *et al.* (2007) e Beauregard (2007) têm enfatizado que apenas uma das vias da relação mente-cérebro vem recebendo a atenção devida nas pesquisas, a via cérebro→mente. Há um grande número de estudos e relatos da influência de estados cerebrais sobre a consciência, habitualmente considerados como confirmações de que a mente é um produto do cérebro. Por outro lado, há uma grande negligência na investigação da situação inversa (mente→cérebro): a mente produzindo alterações no funcionamento cerebral. Dois trabalhos recentes revisam estudos que enfocam a mente como agente causal de alterações cerebrais e corporais como um todo (BEAUREGARD, 2007; KELLY *et al.*, 2007). Concordamos com os autores dessas revisões, quando afirmam que tais estudos colocam em sérias dificuldades as concepções materialistas da mente que a veem como mero produto da atividade cerebral, especialmente o materialismo eliminativo, o epifenomenalismo e a teoria da identidade psicofísica. Assim, Beauregard (2007) conclui que:

Coletivamente, os achados dos estudos de neuroimagem aqui revisados apoiam fortemente a visão de que a natureza subjetiva e o conteúdo intencional dos processos mentais (ex.: pensamentos, sentimentos, crenças e volição) significativamente influenciam os vários níveis de funcionamento cerebral (ex.: molecular, celular, circuitos neurais) e plasticidade cerebral. Além disso, esses achados indicam que variáveis mentalísticas têm que ser seriamente levadas em consideração para se chegar a uma correta compreensão das bases neurais do comportamento em humanos. (p. 218).

Beauregard defende um tipo de interacionismo não reducionista entre mente e cérebro e, para tal, em conjunto com o físico Stapp, propõe um “modelo neurofísico de interação mente-corpo” que não conflita com a lei física de conservação de energia (problema da maioria das outras hipóteses interacionistas) (SCHWARTZ; STAPP; BEAUREGARD 2005; STAPP, 2006).

Outra consequência da aceitação prematura da hipótese reducionista parece ser a interdição do estudo ou a negação da existência de fenômenos não facilmente explicáveis por essa teoria. Dentre o amplo leque de experiências humanas

relevantes para o entendimento da RMC, as vivências tidas como espirituais podem oferecer farto e valioso material para estudo. No entanto, infelizmente, a maioria dos debates nesta área não tem levado em consideração aquelas instigantes vivências (o trabalho de Kelly *et al.*, em 2007, é uma honrosa exceção). Tal negligência restringe muito a base empírica (de fenômenos) que serve de fundamento para a formulação e teste de hipóteses sobre a RMC. Uma boa teoria deve ser capaz de dar conta de um amplo leque de fenômenos, idealmente, de todos os fenômenos a ela relacionados. Toda vez que um conjunto teórico, a que o filósofo Thomas Kuhn (1970) chamou de paradigma, não consegue explicar adequadamente um fenômeno em sua área, surge o que se chama de anomalia, a qual precisa ser tratada com atenção. Uma aparente anomalia pode ser simplesmente fruto de uma observação inadequada, desaparecendo quando são feitas as correções metodológicas necessárias. Por outro lado, uma anomalia pode indicar a necessidade de ajustes no paradigma. Caso sejam acumuladas muitas anomalias sérias, pode ser necessária a substituição do paradigma, processo que Kuhn chamou de revolução científica (CHALMERS, 1997; CHIBENI; MOREIRA-ALMEIDA, 2007).

Uma das características de uma boa teoria é dar conta de um amplo e diversificado leque de fenômenos (HEMPEL, 1966). Uma teoria que repouse sobre um limitado espectro de observações tem uma base bastante frágil. A mera replicação de certos achados adiciona pouco à força e validade de uma dada teoria. Assim, é de grande utilidade a busca deliberada de novas formas de testar certo paradigma, pois podem oferecer novas e valiosas confirmações, ou, ao contrário, colocarem-no em xeque. Tal ampliação do leque de observações se associou a várias revoluções científicas como as de Galileu, Darwin e da física moderna. O uso do telescópio por Galileu e a viagem de cinco anos de Darwin ao redor do mundo, a bordo do Beagle, foram de fundamental importância. A viagem e o telescópio colocaram, respectivamente, Darwin e Galileu frente a uma enorme ampliação da base empírica que não mais se adequava aos paradigmas da biologia e da astronomia então vigentes. Assim, eles se colocaram numa posição privilegiada em relação aos seus pares que observavam o céu apenas a olho nu ou que conheciam somente a natureza do continente europeu e algumas observações ou relatos isolados de outras partes do globo. Enquanto os paradigmas, então prevalentes, eram capazes de dar conta do restrito espectro de observações disponíveis aos cientistas até aquele momento, tornaram-se inadequados frente à grande ampliação dos tipos de fenômenos observados. O mesmo se deu com a física clássica, que

parecia dar conta de toda a natureza. Tal certeza fez com que o eminente físico Lorde Kelvin afirmasse em 1900, poucos anos antes de Albert Einstein formular a teoria da relatividade: “Já não há mais nada de novo para ser descoberto na física, tudo o que resta é realizar medidas cada vez mais precisas”. De fato, a física clássica é muito eficiente para explicar os fenômenos físicos que ocorrem em nosso dia a dia. No entanto, quando começaram a ser estudadas partículas infinitesimais e velocidades extremas, muito distantes de nossa vida cotidiana, as limitações tornaram-se evidentes. Assim, foi necessária uma nova revolução científica que deu origem à física moderna do século 20 (GREYSON, 2007; MOREIRA-ALMEIDA; KOENIG, 2008).

De modo similar ao que ocorreu na física, astronomia e biologia, os estudos da RMC continuarão sofrendo de graves limitações se as análises se restringirem apenas às ocorrências mentais cotidianas. As EE podem fornecer um amplo leque de fenômenos relevantes à compreensão da RMC. As EE envolvem estados anômalos de consciência, frequentemente incluindo situações em que a RMC parece estar diferente da habitual, o que provavelmente influenciou a geração de crenças de existência de uma alma independente do corpo e sua sobrevivência após a morte.

Retomando William James, é preciso implementar um empirismo radical, investigar com seriedade e rigor o amplo leque de experiências humanas, mesmo quando aparentemente estranhas e incompreensíveis. James afirmava que as várias formas de EE são “fenômenos naturais que devem, como quaisquer outros fenômenos naturais, ser investigados com curiosidade científica” (MURPHY; BALLOU, 1960).

Uma atitude similar de deliberada busca de alargamento da base empírica foi uma das marcas de Charles Darwin em sua busca de tentar compreender a origem das variações e adaptações entre os seres vivos. Em sua autobiografia, Darwin enfatiza diversas vezes a importância de seu hábito (ou, como ele descreve, “paixão”) de observar, registrar e analisar todo tipo de observação que pudesse vir a ser relevante ao seu intento. Em sua conclusão (1958), afirma:

Meu sucesso como um homem de ciência [...] foi determinado [...] por condições e qualidades mentais complexas e diversificadas. Dessas, as mais importantes têm sido – o amor à ciência – ilimitada paciência em longas reflexões sobre qualquer assunto – devotamento à observação e coleta de fatos – e uma boa dose de criatividade e de bom senso. (p. 58).

Dentro do amplo espectro de experiências humanas potencialmente relevantes ao nosso tema, estudos populacionais têm encontrado uma alta prevalência de relatos de experiências tidas como paranormais. Entretanto, lamentavelmente, essas vivências não têm sido estudadas adequadamente. Após constatar que relatos de experiências consideradas paranormais eram muito altas numa amostra de população geral no Canadá, os autores do estudo concluíram que:

as experiências paranormais são tão comuns na população geral que nenhuma teoria da psicologia normal ou psicopatologia pode ser considerada completa se não levá-las em consideração. (ROSS; JOSHI, 1992, p. 360).

Conforme dito anteriormente, as EE e as experiências tidas como paranormais foram objeto de intensos estudos de destacados pesquisadores da RMC, principalmente nas décadas de transição entre os séculos 19 e 20. Infelizmente, tais investigações foram interrompidas antes que se chegasse a um paradigma científico maduro que abordasse adequadamente tais experiências em suas implicações na RMC (ELLENBERGER, 1970; ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2004; CRABTREE, 1993; MOREIRA-ALMEIDA, 2007A).

Embora tais pesquisas tenham declinado muito ao longo do século 20, Hans Eysenck e Ian Stevenson são dois exemplos de pesquisadores de alto nível que mantiveram grande interesse e pesquisas na área (EYSENCK; SARGENT, 1993, STEVENSON, 1977A, B; 2007).

4. Tipos de EE Relevantes ao Estudo da RMC

As EE são muito prevalentes ao longo da história nas diversas sociedades, sugerindo certa universalidade no fenômeno, o que indica que possa talvez nos dizer algo sobre a natureza humana. Dentre a grande variedade de EE, listamos abaixo algumas que parecem ser especialmente promissoras para, sob investigação adequada, nos fornecer subsídios para um melhor entendimento da RMC:

- experiências de quase morte;
- experiências fora do corpo;
- êxtase místico;

- casos sugestivos de reencarnação;
- visões/aparições e vivências consideradas mediúnicas;
- alterações psicofisiológicas, ou seja, meditação, estigmatizados ou curas espirituais.

Considerando que, em relação à investigação científica da RMC, estamos numa fase pré-paradigmática num sentido Kuhniano, a investigação na área deve ser pautada numa série de cuidados. Entre eles, a necessidade de investigar seriamente qualquer tipo de fenômeno que possa contribuir para o entendimento da RMC. Além disso, não devemos excluir nenhuma hipótese explicativa *a priori*. Faz-se mister procurar teorias que sejam capazes de explicar o amplo conjunto de fenômenos em questão e não apenas um pequeno grupo de observações selecionadas por se encaixarem na hipótese preferida do investigador. Por fim, entre outras diretrizes, urge uma grande ênfase na humildade e no rigor científicos. Ou seja, como todo real “amante da sabedoria”, devemos estar dispostos a, quando necessário, modificar nossas premissas mais fundamentais (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2003; CHIBENI; MOREIRA-ALMEIDA, 2007).

A seguir, é feita uma breve descrição de pesquisas que vêm sendo realizadas com três tipos de EE: experiências mediúnicas, de quase morte e casos sugestivos de reencarnação. Essas três categorias de EE foram selecionadas pelo fato de já existir um certo número de pesquisas de qualidade a respeito e por se constituírem em fenômenos que, pelo menos a princípio, sugerem mais diretamente um estado de RMC bem diferente do habitualmente aceito e estudado nos ambientes acadêmicos.

O texto a seguir é em grande parte baseado em outro de nossa autoria (MOREIRA-ALMEIDA, 2007A). As próximas considerações são apenas uma breve introdução ao tema. Para aqueles interessados em uma descrição e análise mais profunda, recomendamos que recorram às referências citadas e, especialmente, ao livro *Death and Personal Survival* do filósofo Robert Almeder (1992) e à obra *Irreducible Mind* de Edward Kelly *et al.* (2007).

4.1. Mediunidade

Mediunidade aqui é entendida como a situação em que uma pessoa acredita estar recebendo uma comunicação de uma fonte espiritual, não física. Neste

sentido, a mediunidade tem estado presente ao longo da história em praticamente todas as civilizações, estando na base de grande parte das religiões. Entretanto, a busca de investigação científica dessa experiência teve início apenas em meados do século 19.

Um dos aspectos que mais chama a atenção das pessoas em relação às vivências mediúnicas diz respeito à suposta comunicação de pessoas já falecidas. A aceitação dessa hipótese implicaria na sobrevivência da personalidade à morte do corpo, o que teria grandes implicações para as teorias de RMC.

Naturalmente, grande parte das comunicações consideradas mediúnicas pode ser facilmente explicável como fraude ou exteriorização de conteúdos inconscientes da mente de alguém tido como médium. Devido à credulidade dos assistentes, comunicações genéricas, de conteúdo aplicável a qualquer pessoa, podem ser tidas como evidências de sobrevivência *post-mortem* por pessoas fragilizadas psicologicamente pelo falecimento de um ente querido. No entanto, tais hipóteses são sempre levadas em consideração pelos investigadores sérios da mediunidade. Do ponto de vista de evidência de sobrevivência, as comunicações só têm valor após a exclusão dessas explicações iniciais. Embora a maioria das supostas comunicações mediúnicas possa ser explicada por fraude ou manifestação do inconsciente do médium, há um bom número das que não podem ser descartadas com tanta facilidade (GAULD, 1982; ALMEDER, 1992).

Um primeiro tipo de comunicação mediúnica de interesse para nosso tema são aquelas que trazem informações verídicas, de conhecimento do indivíduo falecido, mas que são desconhecidas do médium. Essas informações podem incluir detalhes sobre as circunstâncias da morte, apelidos de familiares ou fatos pitorescos conhecidos apenas na intimidade da família da personalidade falecida que supostamente se comunica pelo médium. Fenômenos desse tipo foram descritos muitas vezes nas cartas psicografadas por médiuns como Chico Xavier e Divaldo Franco para pessoas que perderam entes queridos. Entretanto, infelizmente, as investigações publicadas a este respeito ainda são escassas e merecem ser replicadas com um aprimoramento metodológico (SEVERINO, 1990; FRANCO; PEREIRA, 1994). Pesquisas rigorosas foram realizadas na Europa e nos Estados Unidos, com resultados positivos (ALMEDER, 1992; GAULD, 1982; STEVENSON, 1977A, B; SCHWARTZ, 2002), mas nem sempre aconteceu isso (O'KEEFFE; WISEMAN, 2005). Estudos duplo-cego têm sido realizados para evitar que a sugestibilidade de quem recebe uma mensagem o leve a considerar como

verídica uma comunicação com conteúdo genérico. Mesmo sob tais condições, resultados positivos têm sido encontrados (ROY; ROBERTSON, 2001; SCHWARTZ, 2002).

Algumas pessoas aceitam que as comunicações trazem informações verídicas desconhecidas pelo médium, mas não as atribuem à comunicação de uma personalidade desencarnada. Alguns autores afirmam que os médiuns podem ter obtido essas informações telepaticamente dos familiares do falecido que foram até o médium para tentar obter uma comunicação. Este tipo de explicação se torna mais improvável quando a comunicação com informações verídicas ocorre mesmo na ausência de algum conhecido da pessoa falecida que supostamente se comunica (GAULD, 1982; STEVENSON, 1977B).

Um tipo de comunicação mediúnica que é ainda mais difícil de se explicar telepaticamente é quando o médium, durante o transe mediúnico, exhibe habilidades não aprendidas previamente. Neste sentido, uma das mais notáveis e raras é a da xenoglossia responsiva, quando o médium consegue conversar numa língua existente, mas que ele não aprendeu previamente (ALMEDER, 1992; STEVENSON, 1977B; STEVENSON; PASRICHA, 1979). Outros tipos de habilidades não aprendidas, mas que eventualmente são exibidas por médiuns são a xenografia (escrever numa língua desconhecida pelo médium), pintura e poesia. O primeiro livro publicado pelo médium Chico Xavier, aos 22 anos de idade, continha 259 poemas atribuídos a 56 poetas, de língua portuguesa, já falecidos. Esse livro foi objeto de investigação de uma dissertação de mestrado em literatura que identificou a similitude estilística entre os poemas psicografados e aqueles que foram escritos pelos poetas em vida (ROCHA, 2001). Outro tipo de habilidade aparentemente exibida por médiuns, mas pouco estudada é a identidade caligráfica da personalidade comunicante com a caligrafia do indivíduo quando ainda em vida (PERANDRÉA, 1991).

Exemplos de outros fenômenos considerados mediúnicos que têm sido investigados são as correspondências cruzadas (diferentes médiuns, sem contato normal entre si, de modo independente comunicariam mensagens que, isoladamente, careceriam de sentido, mas que, quando agrupadas, formariam um todo coerente), aparições por ocasião da morte (GAULD, 1982; STEVENSON, 1977) e manifestações físicas como materializações e movimentação de objetos. Estes últimos, os fenômenos físicos, foram alvo de muitos tipos de fraude, o que

gerou uma forte desconfiança em relação a este tipo de manifestação (GAULD, 1982).

Como se pode perceber, as vivências consideradas mediúnicas abrangem um amplo leque de experiências intrigantes e que merecem estudo aprofundado devido às potenciais relevantes contribuições para a exploração da RMC. O Brasil, devido à diversidade religiosa, com uma ampla variedade de fenômenos mediúnicos, está em uma posição ímpar para fazer avançar a investigação nessa área.

4.2. Reencarnação

Os casos sugestivos de reencarnação têm grandes implicações para a RMC, pois a reencarnação de uma personalidade requer a sobrevivência da mente após a morte do corpo físico para que possa se manifestar num novo corpo.

Os casos sugestivos de reencarnação tipicamente envolvem crianças de dois a quatro anos que começam a falar sobre uma suposta vida passada. Em alguns casos, relatam detalhes que permitem identificar e localizar uma pessoa falecida que se encaixa na descrição da criança. Habitualmente, essas crianças param de falar sobre essa suposta vida passada por volta dos sete anos (STEVENSON, 2000).

Muitas das afirmações feitas por estas crianças são bem específicas, evidenciando um conhecimento sobre a vida de uma pessoa falecida desconhecida da família, muitas vezes morando em cidades distantes. Esse conhecimento não parece ter sido obtido por meios normais de comunicação (SCHOUTEN; STEVENSON, 1998; STEVENSON, 2000). Como no caso da mediunidade, a primeira tarefa é excluir fraudes ou afirmações genéricas que podem ser tidas pelos familiares como específicas de uma dada pessoa.

Um dado que chamou a atenção de pesquisadores nessa área é que as crianças, além de exibirem conhecimento de fatos relativos a uma pessoa já falecida desconhecida, também evidenciam habilidades, traços de personalidade e mesmo marcas de nascença relativas à pessoa falecida e suposta vida passada da criança. Estes traços físicos e comportamentais têm sido foco de maior investigação nas últimas décadas (STEVENSON, 1997; 1999; 2000; 2007; ALMEDER, 1992). Para uma breve apresentação do potencial explicativo da hipótese da reencarnação em relação a uma série de situações da psicologia e psicopatologia, recomenda-se a leitura de dois artigos de Stevenson (1977A; 2000).

Ian Stevenson (2007) foi o responsável por criar e desenvolver a pesquisa acadêmica sobre casos sugestivos de reencarnação, tendo documentado mais de 2.000 casos observados em vários países pelo mundo. Apesar da carência de fomentos e de apoio para esse tipo de pesquisa, seus achados têm sido replicados por investigadores de outros países (HARALDSON, 1991; 2003; HARALDSON; ABU-IZZEDIN, 2004; MILLS; HARALDSSON; KEIL, 1994; KEIL; TUCKER, 2000; PASRICHA *et al.*, 2005). No Brasil, Hernani Guimarães Andrade (1986) também publicou relatos de casos na área.

4.3. Experiências de Quase-Morte

As experiências de quase-morte (EQM) são relevantes para a presente discussão, pois envolvem a experiência de alguma independência da mente em relação ao corpo físico. Nas últimas décadas, as EQM têm sido foco de um razoável número de investigações e debates, que têm resultado em várias publicações em revistas médicas de alto impacto.

As EQM surgem em situações de uma ameaça à vida, real ou imaginada e envolvem, entre outras características, a percepção de estar fora do corpo físico, sentimentos de paz, vivenciar uma grande lucidez e clareza mental, encontro com pessoas já falecidas e/ou seres de luz, visão retrospectiva de toda ou partes da vida e o retorno ao corpo físico (GREYSON, 2007). Muitos estudiosos buscam explicar as EQM, como sendo fruto exclusivamente de alucinações por alterações cerebrais num moribundo (hipóxia, uso de várias medicações e etc) ou como criações mentais baseadas nas crenças e mecanismos de defesa psicológicos dos pacientes. Entretanto, os proponentes dessas teorias habitualmente não realizam pesquisas com EQM e não testaram as implicações empíricas de suas hipóteses. Embora a vivência das EQM varie de pessoa para pessoa e entre as diversas culturas, parece haver um núcleo da experiência que se mantém relativamente inalterado entre as diversas culturas e pacientes (ATHAPPILLY; GREYSON; STEVENSON, 2006; GREYSON, 2007; KELLY *et al.*, 2007). Do mesmo modo, a ocorrência e as características das EQM não se mostraram relacionadas com os níveis de oxigenação sanguínea ou com o número de medicações usadas pelos pacientes (GREYSON, 2007; VAN LOMMEL *et al.*, 2001; PARNIA *et al.*, 2001). Assim, não parece que as EQM possam ser explicadas como sendo devidas à expectativa dos pacientes, hipóxia ou polimedicação.

Uma das características que mais chama a atenção para a importância das EQM em relação à RMC é o funcionamento mental lúcido durante as EQM. Num paciente agonizante ou numa parada cardíaca, o cérebro, a princípio, deveria estar não funcionando ou com funcionamento bastante precário, como no estado confusional agudo (*delirium*). Pesquisas indicam que o EEG se torna isoeletrico (indicando ausência de atividade elétrica cerebral cortical) após 10 a 20 segundos de parada cardíaca. No entanto, muitos pacientes que tiveram EQM durante paradas cardíacas referem que conseguiam pensar e ainda com maior clareza e lucidez do que em estado de vigília normal. Ou seja, esses dados sugerem que a consciência pode não ser necessariamente totalmente dependente do funcionamento cerebral (PARNIA; FENWICK, 2002; PARNIA, 2007).

Uma outra característica das EQM, que parece ser relevante como evidência de independência da consciência em relação ao cérebro é o relato de descrições feitas pelo paciente, posteriormente confirmadas, de situações que ocorreram durante uma EQM e que o paciente não poderia ter percebido com seus sentidos normais, mesmo se estivesse desperto (SABOM, 1998; STEVENSON; GREYSON, 1979).

Em revisão recente, Parnia (2007) defende que o estudo das EQM pode oferecer a chave para o entendimento do mistério da consciência. Ele revisou os quatro estudos prospectivos disponíveis sobre EQM entre sobreviventes de parada cardíaca. Sua conclusão foi que esses estudos “têm demonstrado que paradoxalmente a mente humana e a consciência podem continuar a funcionar durante a parada cardíaca” (p. 933) e, conseqüentemente, durante a cessação de atividade elétrica cerebral. Assim, “levantando a possibilidade que a mente humana e a consciência possam continuar a funcionar na ausência de função cerebral” (p. 933). Infelizmente, não temos conhecimento de nenhuma pesquisa em EQM que tenha sido desenvolvida no Brasil. Essa é uma lacuna que precisa ser preenchida.

5. Conclusões

O presente capítulo teve como objetivo fazer uma breve revisão sobre a relevância das EE para o entendimento da RMC. Destacamos o quanto as EE envolvem vivências que, pelo menos a princípio, questionam as visões materialistas-reducionistas da mente. As EE são repletas de vivências sugestivas de interação,

mas de independência, da mente em relação ao cérebro. Levantamos a hipótese de que essas EE tenham fornecido a base empírica para as crenças de existência da alma e da sobrevivência após a morte, aceitas pela grande maioria da população mundial.

Ressaltamos a premente importância de investigação rigorosa das EE, notadamente das EQM, vivências consideradas mediúnicas e casos sugestivos de reencarnação. Essas EE têm o potencial de propiciar o alargamento da base empírica necessária a um melhor entendimento da RMC, levando a um aprimoramento na formulação e teste de hipóteses referentes à RMC. Tais estudos, mesmo sendo realizados por poucos pesquisadores e sem grandes financiamentos e apoios institucionais têm apresentado resultados promissores. Dados ainda mais relevantes e de maior importância heurística certamente emergirão quando as EE se tornarem parte central da agenda de pesquisa mundial, o que parece já estar ocorrendo (MOREIRA-ALMEIDA, 2007).

Dentro da tanatologia, tema deste livro, fazemos votos que o estudo da natureza da consciência, sua relação com o corpo e sua sobrevivência após a morte possam ser abordados dentro de um espírito legitimamente científico de pesquisa, que busca a investigação rigorosa, mesmo das questões mais intrigantes e, por isso mesmo, mais relevantes para a humanidade (MOREIRA-ALMEIDA, 2006; 2007A; CHIBENI; MOREIRA-ALMEIDA, 2007).

6. Agradecimentos

Gostaria de agradecer a colaboração dos professores Sílvio Seno Chibeni e Leonardo Caixeta que fizeram comentários valiosos para o aprimoramento de versões prévias deste capítulo.

Referências Bibliográficas

ALMEDER, R. *Death and personal survival: the evidence for life after death*. Lanham: Rowman and Littlefield, 1992.

ALMEIDA, A.M.; LOTUFO NETO, F. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área da saúde mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 31, n.3 , p. 132-141, 2004.

_____. Diretrizes metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 30, n. 1, p. 21-28, 2003.

ALVARADO, C.S. The concept of survival of bodily death and the development of parapsychology. *Journal of the Society for Psychical Research*, v. 67, n. xxx, p. 65-95, 2003.

ANDRADE, H.G. *Reencarnação no Brasil*. Matão: O Clarim, 1986.

ATHAPPILLY, G.K.; GREYSON, B.; STEVENSON, I. Do prevailing societal models influence reports of near-death experiences?: a comparison of accounts reported before and after 1975. *The Journal of Nervous and Mental Diseases*, v. 194, n. 3, p. 218-222, 2006.

BEAUREGARD, M. Mind does really matter: Evidence from neuroimaging studies of emotional self-regulation, psychotherapy, and placebo effect. *Progress in Neurobiology*, v. 81, n. 4, p. 218-236, 2007.

BROWN, T.M. Cartesian dualism and psychosomatics. *Psychosomatics*, v. 30, n. 3, p. 322-331, 1989.

CHALMERS, A.F. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1997.

CHIBENI, S.S. Locke e o materialismo. In: MORAES, J.Q.K. (Org.). *Materialismo e evolucionismo*. Coleção CLE, v. 47, p. 163-192, 2007. Disponível em: <www.unicamp.br/~chibeni/public/lockeeomaterialismo.pdf>. Acesso em 08/05/2009.

CHIBENI, S.S.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Investigando o desconhecido: filosofia da ciência e investigação de fenômenos “anômalos” na psiquiatria. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. supl 1, p. 8-16, 2007.

CRABTREE, A. *From Mesmer to Freud: magnetic sleep and the roots of psychological healing*. New Haven: Yale University Press, 1993.

DARWIN, F. *The autobiography of Charles Darwin and selected letters*. Edited by Francis Darwin. New York: Dover Publications Inc., 1958.

DATAFOLHA. Opinião pública: 97% dizem acreditar totalmente na existência de deus. 05/05/2007. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=446>. Acesso em 5 mai. 2007.

DUNCAN, G. Mind-body dualism and the biopsychosocial model of pain: what did Descartes really say? *Journal of Medicine and Philosophy*, v. 25, n. 4, p. 485-513, 2000.

ELLENBERGER, H.F. *The discovery of the unconscious*. New York: Basic Books, 1970.

EYSENCK, H.J.; SARGENT, C. *Explaining the unexplained: mysteries of the paranormal*. London: Prion, 1993.

FRANCO, D.P.; PEREIRA, N.S. *Exaltação à vida*. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 1994.

GAULD, A. *Mediumship and survival: a century of investigations*. London: Granada, 1982.

GREYSON, B. Experiências de quase morte: implicações clínicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. supl.1, p. 116-125, 2007.

GUIMARÃES, H.P.; AVEZUM, A. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. supl.1, p. 88-94, 2007.

HARALDSSON, E.; ABU-IZZEDIN, M. Three randomly selected cases of Lebanese children who claim memories of a previous life. *Journal of the Society for Psychological Research*, v. 68, n. 2, p. 65-85, 2004.

HARALDSSON, E. Children who speak of past-life experiences: is there a psychological explanation? *Psychology and Psychotherapy: theory research and practice*, v. 76, n. 1, p. 55-67, 2003.

_____. Children claiming past-life memories: four cases in Sri Lanka. *Journal of Scientific Exploration*, v. 5, n. 2, p. 233-262, 1991.

HEMPEL, C.G. *The philosophy of natural science*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.

HUFFORD, D. *An analysis of the field of spirituality, religion and health*. Metanexus Foundation. Disponível em: <<http://www.metanexus.net/tarp/pdf/TARP-Hufford.pdf>>. Acesso em 08/05/2009

KEIL, H.H.J.; TUCKER, J.B. An unusual birthmark case thought to be linked to a person who had previously died'. *Psychological Reports*, v. 87, n. 3 Pt 2, p. 1067-1074, 2000.

KELLY, E.F.; KELLY, E.W.; CRABTREE, A.; GAULD, A.; GROSSO, M.; GREYSON, B. *Irreducible mind: toward a psychology for the 21st century*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2007.

KIRKEBÙEN, G. Descartes' embodied psychology: Descartes' or Damasio's error? *Journal of the History of the Neurosciences*, v. 10, n. 2, p. 173-191, 2001.

KUHN, T.S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

MACMILLAN, M. Restoring phineas gage: a 150th retrospective. *Journal of the History of the Neurosciences*, v. 9, n. 1, p. 46-66, 2000.

MILLS, A.; HARALDSSON, E.; KEIL, J. Replication studies of cases suggestive of reincarnation by three independent investigators. *Journal of the American Society for Psychical Research*, v. 88, n. xxx, p. 207-219, 1994.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; ALVARADO, C.; ZANGARI, W. Transtornos dissociativos (ou conversivos). In: LOUZÃ, M.R.; ÉLKIS, H. (Org.). *Psiquiatria básica*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; KOENIG, H.G. Book review of: "Irreducible mind: toward a psychology for the 21st century". *Journal of Nervous and Mental Disease*, v.196 n. 4 p. 345-6, 2008.

MOREIRA-ALMEIDA, A. É possível investigar cientificamente a sobrevivência após a morte? In: INCONTRI, D.; SANTANA, F. (Org.). *A arte de morrer: visões plurais*. Bragança Paulista: Comenius, 2007A.

_____. Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. supl 1, p. 3-4, 2007B.

_____ Book review of "Is there life after death? An examination of the empirical evidence", by David Lester. *Journal of Near-Death Studies*, v. 24, n. 4, p. 245-254, 2006.

MURPHY, G.; BALLOU, R.O. *William James on psychical research*. New York: Viking Press, 1960.

O'KEEFFE, C.; WISEMAN, R. Testing alleged mediumship: methods and results. *British Journal of Psychology*, v. 96, p. 165-179, 2005.

PARNIA, S. Do reports of consciousness during cardiac arrest hold the key to discovering the nature of consciousness? *Medical Hypotheses*, v. 69, n. 4, p. 933-937, 2007.

PARNIA, S.; FENWICK, P.. Near death experiences in cardiac arrest: Visions of a dying brain or visions of a new science of consciousness. *Resuscitation*, v. 52, n. 1, p. 5-11, 2002.

PARNIA, S.; WALLER, D.G; YEATES, R.; FENWICK, P. A qualitative and quantitative study of the incidence, features and aetiology of near-death experiences in cardiac arrest survivors. *Resuscitation*, v. 48, n. 2, p.149-156, 2001.

PASRICHA, S.K.; KEIL, J.; TUCKER, J.B.; STEVENSON, I. Some bodily malformations attributed to previous lives. *Journal of Scientific Exploration*, v. 19, n. 3, p. 359-383, 2005.

PERANDRÉA, C.A. *A psicografia à luz da grafoscopia*. São Paulo: Jornalística Fé, 1991.

PERES, J.F.P.; SIMÃO, M.J.P.; NASELLO, A.G Espiritualidade, religiosidade e psicoterápica. *Revista de Psiquiatria Clínica* v.34, supl 1, p. 136-145, 2007

POPPER, K.R.; ECCLES, J. *The self and its brain*. Berlin: Springer Verlag, 1977.

ROCHA, A.C. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. 2001. Tese (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2001.

ROSS, C.A.; JOSHI, S. Paranormal experiences in the general population. *The Journal of Nervous and Mental Diseases*, v. 180, n. 6, p. 357-361, 1992.

ROY, A.E.; ROBERTSON, T.J. A double-blind procedure for assessing the relevance of a medium's statements to a recipient. *Journal of the Society for Psychical Research*, v. 65, n. 3, p. 161-174, 2001.

SABOM, M.B. *Light and death: one doctor's fascinating account of near-death experiences*. Grand Rapids: Zondervan, 1998.

SCHOUTEN, S.A.; STEVENSON, I. Does the socio-psychological hypothesis explain cases of the reincarnation type? *The Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 186, n. 8, p. 504-506, 1998.

SCHWARTZ, G. *The afterlife experiments: breakthrough scientific evidence of life after death*. New York: Pocket Books, 2002.

SCHWARTZ, J.M.; STAPP, H.P.; BEAUREGARD, M. Quantum physics in neuroscience and psychology: a neurophysical model of mind-brain interaction. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, v. 360, n. 1458, p. 1309-1327, 2005.

SEVERINO, P.R. *A vida triunfa*. São Paulo: Jornalística Fé, 1990.

STAPP, H.P. Henry Stapp on quantum mechanics, spirit, mind, and morality. Quantum interactive dualism: an alternative to materialism. *Zygon*, v. 41, n. 3, p. 599-615, 2006.

STEVENSON, I.; GREYSON, B. Near-death experiences. Relevance to the question of survival after death. *JAMA*, v. 242, n. 3, p. 265-267, 1979.

STEVENSON, I. Metade de uma carreira com a paranormalidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. supl.1, p. 150-155, 2007. Disponível em: <www.hoje.org.br/bves>. Acesso em: 08/05/2009

_____. The phenomenon of claimed memories of previous lives: possible interpretations and importance. *Medical Hypotheses*, v. 54, n. 4, p. 652-659, 2000.

_____. Past lives of twins. *Lancet*, v. 353, n. 9161, p. 1359-1360, 1999.

_____. *Reincarnation and biology: a contribution to the etiology of birthmarks and birth defects*. Greenwich: Praeger, 1997.

_____. The explanatory value of the idea of reincarnation. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 164, n. 5, p. 305-326, 1977A.

_____. Research into the evidence of man's survival after death: a historical and critical survey with a summary of recent developments. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 165, n. 3, p. 152-170, 1977B.

STEVENSON, I.; PASRICHA, S. A case of secondary personality with xenoglossy. *The American Journal of Psychiatry*, v. 136, n. 12, p. 1591-1592, 1979.

VAN LOMMEL, P.; VAN WEES, R.; MEYERS, V.; ELFFERICH, I. Near-death experience in survivors of cardiac arrest: A prospective study in the Netherlands. *Lancet*, v. 358, n. 9298, p. 2039-2045, 2001.